

PSD reserva a vice para César Cals

A. C. SCARTEZINI

Apesar do empenho de última hora do presidente Sarney, Jânio Quadros deve procurar um candidato a vice-presidente em sua chapa é mesmo no seu novo PSD, onde a vaga foi reservada ao ex-ministro, senador e coronel cearense César Cals. "Ainda é muito cedo para se falar na vice", procurou Cals, na tarde de ontem em seu escritório, não assumir ainda a condição de vice de Jânio e explicou:

"Se o presidente Jânio Quadros ainda não assumiu, na verdade, a sua condição de candidato a presidente, como falar do vice dele"?

Mas, também na verdade, não parece haver outra solução para a vice de Jânio. O PTB está mais próximo de uma coligação com o PDT do que o PSD. O prazo para a filiação ao PSD de algum pretendente a vice terminou na última segunda-feira sem que alguém se apresentasse. E será difícil uma mudança na regra. O ministro Iris Rezende declinou do convite e continuou no PMDB. O senador Jarbas Passarinho e o ex-deputado Nelson Marchezan continuaram no PDS, apesar da escolha de Paulo Maluf como candidato do partido a presidente.

Alguns deles só poderia ser candidato a vice de Jânio numa hipótese extremamente remota: que Ulysses Guimarães ou Maluf abra mão de sua candidatura e que o partido dele, candidato renunciante, decida então por uma coligação com o PSD, que lançaria Jânio para a cabeça da chapa. Como Ulysses e nem Maluf devem renunciar, e muito menos o PMDB compor com o PSD, afastam-se todos da vice.

A hipótese vale também para o ex-governador mineiro Hélio Garcia, que, ancorado ontem à tarde em seu apartamento na beira da praia carioca de Ipanema, sorriu ao ler num jornal que fora convidado para uma conversa com Jânio, da qual deveria emergir como candidato a vice. Sorriu e comentou definitivamente:

"Não recebi o convite para conversar".

SEM PRESSA

Enquanto isso, no ar mais seco de Brasília, César Cals pendurava-se ao telefone. "Estou checando nos Estados a posição do partido para as convenções municipais de julho", informava Cals, dentro do seu esforço incansável para, desde o ano passado, criar o PSD, que já em abril último, já revelava o seu desejo de ter Jânio como presidenciável e o ex-ministro do governo militar como vice.

De lá para cá, Cals participou da implantação de comissões provisórias do partido em 19 Estados e do recrutamento de 70 mil filiados. Agora sai em busca do registro definitivo do PSD, começando pelas convenções municipais em junho e chegando à nacional. A data da convenção nacional depende dos planos estratégicos de Jânio, mas, por enquanto, está marcada para 9 de julho.

"Mas não há pressa", explica César Cals que o importante, no processo, é ir implantando o partido e persuadindo Jânio a pleitear a indicação presidencial.

COM CALMA

No mesmo compasso, Hélio Garcia observa com calma a evolução do quadro sucessório. Acredita que Fernando Collor deve crescer em Minas se contar com o senador Itamar Franco na vice. "O Itamar tem liderança em Minas", observa Hélio, mas sem escapar de uma coisa: o reconhecimento de que Itamar foi muito bem votado na eleição para governador em 86 porque tinha Newton Cardoso como candidato pelo PMDB do outro lado.

"Mas é preciso calma para todos", aconselha o ex-governador aos observadores da sucessão presidencial. "Primeiro, vamos ver como vai ser a campanha, ver como os candidatos comportam-se para, então, podermos ter uma idéia mais segura sobre as possibilidades de cada um", acrescenta, com um olho especial na convenção do PMDB convocada para homologar Waldir Pires, como vice de Ulysses no próximo fim de semana.

"Se o Waldir, a esta altura, não for escolhido para vice, fica ruim para o partido. O Waldir já deixou o governo da Bahia para ser candidato. Não tem caminho de volta." N

Apesar de sua preocupação com a convenção do PMDB, Hélio Garcia não pensa em interromper a temporada para votar em Brasília junto com os convencionais.

"Se eu não fui na outra convenção, que escolheu o candidato a presidente, como vou nesta outra? E não farei falta. O suplente pode votar no meu lugar."